

ORLANDO CALIMAN



Políticos precisam despir-se de fantasias e descer ao mundo real do indivíduo de direito e de fato. Isto é, ao espaço do cidadão, público

Até quando?

Movimentos sociais mais profundos, que expressam descontentamentos ou sentimentos de revolta em relação a dadas situações, inclusive como os que estamos testemunhando agora, sempre estiveram presentes na trajetória civilizatória da humanidade. O que muda, no entanto, são as motivações, as formas que os mesmos tomam e as construções escolhidas para dar as respostas minimamente aceitáveis, ou para que uma nova ordem se instale e um novo “pacto social” tome lugar do velho. Sabemos, no entanto, que na maioria dos casos os problemas se resolveram através de processos revolucionários, muitos dos quais com guerras, e que também, necessariamente, não significaram avanços na organização de sociedades.

Nesse caminhar, felizmente, a humanidade, pelo menos a sua maior parcela, seguindo um processo contínuo de aprendizado, conseguiu chegar ao consenso de que a democracia é a forma mais eficiente e eficaz de organização social. Naturalmente, devemos entendê-la enquanto conceito e operacionalidade como uma construção em contínuo processo de aprendizado social. Nesse aspecto, devemos tomá-la e com-

preendê-la como seguindo um curso cujo ponto de chegada não o encontramos definitivamente demarcado. Estará sempre sujeita a aperfeiçoamentos. E isso é fascinante, pois haverá sempre uma motivação para se fazer aperfeiçoamentos. Nunca devemos perder essa perspectiva.

Nesse processo contínuo de aperfeiçoamento democrático no transcurso da história, vamos nos deparar com a figura central do Estado, que também evoluiu no tempo, não sem antes experimentar avanços e retrocessos. Sabemos, por exemplo, que processos revolucionários libertários, muitos dos quais destituídos de sentido de ordem – organização – acabaram descambando para regimes autoritários. Não precisamos ir muito longe no passado para encontrar esses casos. Felizmente, também a ideia de Estado e sua prática – operação – também evoluíram. Prevaleceu e prevalece enquanto instituição maior de ordenamento da sociedade. Devemos também tomá-lo e entendê-lo enquanto construção, sem fronteira de chegada. Apresenta-se sempre aberto a aperfeiçoamentos. Mas, a velocidade desse processo estará condicionada sempre à capacidade desse Estado moldar-se às necessidades e demandas mutantes da sociedade.

Podemos ler e entender essas demonstrações de insatisfação generali-

zadas como expressões de incômodo com o distanciamento entre condições de indivíduos no seu “dia a dia” e as chances destes se tornarem indivíduos de fato – cidadãos. Distância que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman caracteriza como de verdadeiro abismo no seu livro “Modernidade Líquida” (Editora Zahar). Segundo Bauman “é desse abismo que emanam os eflúvios mais venenosos que contaminam as vidas dos indivíduos contemporâneos”. E, na sua avaliação, abismo que tem crescido ultimamente principalmente como consequência do esvaziamento do que ele chama de espaço público; os espaços de diálogo.

Mas, há ainda um alerta impor-

—
Aos políticos que, apropriando-se do espaço público e utilizando-se de jatinhos como “jeitinho” de satisfazer seus desejos privados, valem o repúdio e a pergunta: até quando?

tante dado por Bauman: Não há saída senão através da política. “Esse abismo não pode ser transposto apenas por esforços individuais. Transpor o abismo é a tarefa da Política com P maiúsculo”. No fundo, não podemos conceber libertação sem submissão à sociedade – a uma dada ordem social minimamente pactuada.

É dessa Política com P maiúsculo que o Brasil precisa, que convenhamos, não se faz apenas com reforma política e plebiscito. A política – que na prática a vemos com p minúsculo – e políticos precisam despir-se de fantasias e descer ao mundo real do indivíduo de direito e de fato. Isto é, ao espaço do cidadão, ao espaço público.

Aqueles políticos que relutam em continuar distantes do interesse comum bem compreendido, apropriando-se privadamente do espaço público e utilizando-se, por exemplo, de jatinhos como “jeitinho” de satisfazer seus desejos privados, valem o repúdio e a pergunta: até quando? Vale a lembrança do grande escritor, poeta, jurista e cônsul romano Cícero, que viveu no primeiro século a.C: “Quosque tandem (Catilina) abutere patientia nostra”. Cícero se referia a outro representante romano no Senado, também cônsul, Catilina, que simbolizava a corrupção, alvo de sua impaciência e ataques.